TERCEIRO LIVRO

ARSÈNE LUPIN: A ROLHA DE CRISTAL

PRISÃO

Os dois barcos balançavam à sombra, amarrados ao pequeno cais que se estendia desde o jardim. Pela bruma espessa, viam-se, aqui e ali, nas margens do lago, as janelas iluminadas. Do outro lado, o casino Enghien transbordava de luz, ainda que já fosse final de setembro. Algumas estrelas apareciam entre as nuvens. Uma brisa ligeira agitava a superfície da água. Arsène Lupin saiu da casa de férias, onde estava a fumar um cigarro, e inclinou-se para a frente na borda do cais:

— Grognard? Le Ballu? Estão aí?

Um homem surgiu de cada um dos barcos, e um deles respondeu:

— Sim, patrão.

— Preparem-se, estou a ouvir aproximar-se o carro de Gilbert e de Vaucheray.

Atravessou o jardim, deu a volta à casa que estava em construção, e cujo andaime estava exposto e, com precaução, abriu a porta que dava para a Avenida de Ceinture. Não se tinha enganado: uma luz viva brilhou quando um automóvel fez a curva e parou, e dele saíram dois homens usando gorros e vestindo sobretudos com as golas viradas para cima.

Eram Gilbert e Vaucheray — Gilbert, um rapaz de vinte e um ou vinte e dois anos, rosto simpático e aparência flexível e poderosa; Vaucheray, mais baixo, cabelo grisalho e rosto pálido e doentio.

— Bem — começou Lupin —, vocês viram-no, o deputado?

— Sim, patrão — respondeu Gilbert. — Vimo-lo apanhar o comboio das sete e quarenta para Paris, como sabíamos que iria fazer.

— Nesse caso, temos liberdade para agir?

— Liberdade absoluta. A vivenda Marie-Thérèse está à nossa disposição.

O motorista ficara no seu lugar e Lupin disse-lhe:

— Não estacione aqui. Poderia chamar a atenção. Regresse às nove e meia em ponto, a tempo de carregar o carro... a não ser que toda a expedição corra mal.

— Por que razão deveria correr mal? — observou Gilbert.

O automóvel afastou-se e Lupin, iniciando o caminho para o lago com os seus dois companheiros, respondeu:

— Porquê? Porque não fui eu a preparar o golpe; e quando eu mesmo não faço alguma coisa tenho apenas uma confiança relativa.

— Ora essa! Patrão, trabalho para si há três anos... Já começo a conhecê-lo!

— Sim... meu rapaz... começas... — disse Lupin. — E é justamente por isso que temo erros... Bem, embarca... E tu, Vaucheray, entra para o outro barco... Isso... Agora, vamos... E façam o mínimo de barulho possível.

Grognard e Le Ballu, os dois remadores, seguiram diretamente para a outra margem, um pouco à esquerda do casino.

Cruzaram-se, entretanto, com um barco no qual um casal se abraçava e que seguia à deriva, e com outro, que levava várias pessoas que cantavam alto. E foi tudo.

Lupin aproximou-se do seu companheiro e disse em voz baixa:

— Diz-me, Gilbert, foste tu a pensar neste trabalho ou foi ideia do Vaucheray?

— A sério que nem sei dizer bem... estamos os dois a debater isto há semanas.

— A questão é que eu não confio no Vaucheray... tem mau carácter... Pergunto-me porque não me livro eu dele...

— Oh! Patrão!

— Sim, sim! Ele é perigoso... E isto sem contar que ele deve ter na consciência algumas culpas de pecados bastante sérios.

Lupin ficou quieto por um instante e continuou:

— Então, tens a certeza absoluta de que viste o deputado Daubrecq?

– Vi com os meus próprios olhos, patrão.

– E tens a certeza de que ele tem um encontro em Paris?

– Vai ao teatro.

– Bem, mas os empregados dele continuam na moradia d'Enghien...

– A cozinheira foi dispensada. Quanto ao criado de quarto, Léonard, que é o homem de confiança de Daubrecq, espera o chefe em Paris, de onde não poderão voltar antes da uma da manhã. Mas...

– Mas?

– Devemos contar com a possibilidade de algum capricho da parte de Daubrecq, uma alteração de humor, uma reviravolta inesperada e, por consequência, ter tudo preparado de modo que esteja terminado antes da uma hora.

– E quando conseguiste essas informações?

– Esta manhã. Vaucheray e eu pensámos que este era o momento favorável. Escolhi como ponto de partida o jardim desta casa em construção que agora deixámos e que não é vigiada de noite. Chamei dois camaradas para remarem e telefonei para si. A história é esta.

– Tens as chaves?

– As da entrada pelo patamar da frente.

– É aquela moradia que se vê ali ao fundo, rodeada por um parque?

– Sim, a vivenda Marie-Thérèse. Também as outras duas, uma de cada lado, com jardins à volta, estão desocupadas há uma semana. Assim, teremos todo o tempo para levar o que quisermos; e eu juro-lhe, patrão, vale muito a pena.

Lupin murmurou:

– Muito cómodo, o trabalho. Sem qualquer *charme*.

Eles atracaram numa pequena enseada, a partir da qual teriam de subir, sob um telhado podre, alguns degraus. Lupin considerou que carregar os móveis para o barco seria tarefa fácil. Mas disse subitamente:

– Há alguém na moradia. Repara... uma luz.

– É uma lâmpada a gás, patrão... a luz não se está a mexer.

Grognard permaneceu no barco, com a missão de ficar de vigia, enquanto Le Ballu, o outro remador, foi para o portão da Avenida de Ceinture e Lupin e os seus dois companheiros rastejaram pelas sombras até aos degraus.

Gilbert foi o primeiro a subir. Tateando no escuro, introduziu primeiro a chave grande da porta e depois a da fechadura de segurança. Ambas rodaram com facilidade, a porta abriu-se, dando livre passagem aos três homens.

No vestíbulo, uma lâmpada a gás estava acesa.

— Está a ver, patrão... — disse Gilbert.

— Sim, sim — respondeu Lupin, em voz baixa. — Mas parece-me que a luz que vi acesa não vinha daqui.

— Então, de onde?

— Não sei bem... É esta a sala?

— Não — respondeu Gilbert, sem medo de falar um pouco mais alto. — Por precaução, ele reuniu tudo no primeiro andar, no quarto dele e nos quartos ao lado.

— E as escadas?

— São à direita, por detrás do cortinado.

Lupin dirigiu-se ao cortinado e, quando já estava a puxar o tecido, de repente, quatro passos à sua esquerda, uma porta abriu-se e apareceu um vulto, a cabeça de um homem pálido, de olhos aterrorizados.

— Socorro! Um assassino! — gritou o homem.

E precipitou-se para dentro da divisão.

— É Léonard, o criado! — disse Gilbert.

— Se ele fizer escândalo, vou abatê-lo — anunciou Vaucheray.

— Não vais fazer nada disso, Vaucheray, *okay*? — ordenou Lupin, que partiu na perseguição ao criado.

Primeiro, atravessou a sala de jantar, onde havia uma lamparina ainda acesa, pratos e uma garrafa, e encontrou Léonard ao fundo de um escritório, tentando em vão abrir a janela.

— Não se mexa, companheiro! Não estou a brincar!

Lupin atirou-se para o chão ao ver Léonard levantar o braço na sua direção. Três tiros foram disparados na penumbra do escritório,

e então o empregado caiu a tremer no chão, derrubado por Lupin, que lhe tirou a arma e o agarrou pela garganta:

– Para com isso, seu bruto! – ordenou Lupin. – Um pouco mais e ter-me-ia acertado... Vaucheray, amarre este cavalheiro!

Com a sua lanterna de bolso, aclarou o rosto do criado e riu-se:

– Isso não foi bonito, cavalheiro... Não deves ter a consciência limpa, Léonard; além disso, para seres o fantoche do deputado Daubrecq... Acabaste, Vaucheray? Não quero ficar muito mais tempo aqui!

– Não há perigo, patrão – disse Gilbert.

– Ah! A sério... e os tiros, achas que não se ouviram?

– Absolutamente impossível.

– Não importa! Temos de ser rápidos. Vaucheray, pega na lâmpada para subirmos.

Lupin tomou Gilbert pelo braço e, enquanto o arrastava pelo primeiro andar, disse-lhe:

– Imbecil! É assim que me informas? Não tinha eu razão para estar com dúvidas?

– Repare, patrão, eu não poderia saber que ele mudaria de opinião e voltaria para jantar.

– É preciso saber tudo quando se tem a honra de invadir a casa das pessoas. Vou-me lembrar de ti e do Vaucheray... um belo par de inúteis!

A visão da mobília do primeiro andar acalmou Lupin, e ele começou o inventário com o ar de satisfação de um amador que encontra algumas obras de arte:

– Caramba! Não há muita coisa, mas o que há é autêntico! Este representante do povo tem bom gosto. Quatro cadeiras Aubusson... Uma secretária assinada por Percier-Fontaine... Duas ilustrações Gouttieres... Um Fragonard genuíno e um Nattier falso, mas que qualquer milionário americano comprará julgando verdadeiro: em resumo, uma fortuna... E há gente mesquinha a fingir que não sobrou nada de autêntico. Que raio, por que não fazem como eu? Que procurem!

Gilbert e Vaucheray, sob as ordens de Lupin, começaram imediatamente a remover os móveis maiores de forma metódica. Ao fim de meia hora, o primeiro barco estava cheio, e então decidiram que Grognard e Le Ballu deveriam partir à frente e começar a carregar o automóvel.

Lupin vigiou-lhes a partida. Ao regressar à casa, passando pelo vestíbulo, pareceu-lhe ter ouvido um barulho no escritório. Foi até lá. Encontrou Léonard sozinho, deitado de bruços, com as mãos amarradas atrás das costas.

— Então, fantoche, és tu a resmungar? Não te animes, já estamos quase a acabar. Mas, se fizeres muito barulho, vais obrigar-nos a tomar medidas mais sérias...

Ao subir outra vez as escadas, escutou o mesmo barulho e, parando para prestar atenção, captou estas palavras, sussurradas por uma voz rouca e que vinha, com toda a certeza, do escritório:

— Socorro! Assassino! Socorro! Vão matar-me! Alertem o comissário!

— Completamente doido, o homem está completamente doido! — murmurou Lupin. — Realmente... perturbar a polícia às nove horas da noite, que indiscrição!

E voltou ao trabalho. Demorou mais do que esperava, pois descobriram que havia nos armários todo o tipo de bibelôs valiosos que não podiam negligenciar e porque, por outro lado, Vaucheray e Gilbert estavam a investigar tudo de forma tão meticulosa que isso o deixava desconcertado.

Finalmente, impacientou-se:

— Basta! — ordenou ele. — Só por causa de uns quantos bibelôs que faltam não vamos estragar o trabalho todo ao fazer o carro esperar mais. Vou para o barco.

Já se encontravam perto da água e Lupin estava a descer os degraus quando Gilbert o segurou:

— Escute, patrão, precisamos de voltar mais uma vez... cinco minutos, não mais do que isso.

— Mas porquê, que diabos?

– Veja... tomámos conhecimento de um antigo relicário, uma coisa impressionante...

– E então?

– Não conseguimos deitar-lhe a mão. E eu estava a pensar... há um armário grande com uma porta fechada no escritório... Compreenda que não podemos...

Lupin já estava a voltar para a porta. Vaucheray corria apressado.

– Dez minutos... nem mais um! – gritou Lupin. – Daqui a dez minutos, vou-me embora.

Mas os dez minutos passaram e ele ainda estava à espera. Olhou para o relógio:

– Nove e um quarto... isto é uma loucura – disse.

Por outro lado, lembrou-se de que Gilbert e Vaucheray se tinham comportado de forma estranha durante o processo, enquanto tiravam as coisas, sempre próximos um do outro, entreolhando-se. O que se estaria a passar?

Lupin voltou à casa, motivado por uma ansiedade que não conseguia explicar e, ao mesmo tempo, ouvia um som oco, ao longe, do lado de Enghien, e que parecia estar a aproximar-se... Pessoas a passear, sem dúvida...

Deu um assobio agudo e foi até ao portão principal, para espreitar a avenida. Mas, de repente, enquanto abria o portão, um tiro ecoou, seguido por um grito de dor. Voltou a correr, deu uma volta à casa, subiu as escadas e correu até à sala de jantar:

– Maldição! Que estão vocês os dois a fazer?

Gilbert e Vaucheray, numa furiosa luta corpo a corpo, rolavam pelo chão, gritando palavras enraivecidas. Tinham as roupas sujas de sangue. Lupin voou até eles para tentar separá-los. Mas Gilbert já tinha derrubado o adversário e estava a arrancar da sua mão um objeto que Lupin não teve tempo de ver o que era. E Vaucheray, que estava a perder sangue por uma ferida no ombro, desmaiou.

– Quem o feriu? Foste tu, Gilbert? – questionou Lupin, furioso.

– Não... Foi o Léonard.

– Léonard? Mas ele está amarrado!

– Ele conseguiu soltar-se e apanhar a pistola.

— Canalha! Onde está ele?

Lupin pegou na lamparina e foi ao escritório.

O criado estava deitado de costas, com os braços estendidos, um punhal enfiado na garganta, o rosto lívido. Uma linha vermelha escorria-lhe da boca.

— Ah! — balbuciou Lupin, após examiná-lo. — Ele está morto!

— Acha? Acha? — disse Gilbert, com uma voz trémula.

— Está morto, já te disse.

Gilberto gaguejou:

— Foi o Vaucheray... quem o matou...

Pálido de cólera, Lupin segurou-o:

— Foi o Vaucheray, não foi? E tu também, canalha, já que estavas lá e não o impediste! Sangue! Sangue! Sabem bem que eu não aceito isso... Vocês vão ter de pagar, companheiros, e não vai ser barato... Lembrem-se da guilhotina!

A visão do cadáver deixou-o agitado e, sacudindo Gilbert violentamente, disse:

— Porquê? Porque Vaucheray o matou?

— Ele queria procurar as chaves do armário nos bolsos dele. Quando se inclinou sobre ele, viu que tinha soltado os braços. Ficou assustado... e esfaqueou-o...

— Mas e o tiro do revólver?

— Foi o Léonard... ele estava com o revólver na mão... conseguiu disparar antes de morrer.

— E a chave do armário?

— O Vaucheray tirou-lha.

— E abriu-o?

— Sim.

— Encontrou o que procurava?

— Sim.

— E tu quisseste tirar-lhe a coisa. O que era? O relicário? Não, era muito pequeno para isso... Então o que era? Responde-me...

Pela expressão silenciosa e resoluta de Gilbert, Lupin percebeu que não conseguiria resposta. Com um gesto ameaçador, disse-lhe:

– Tu falarás, meu caro, ou não me chame Lupin. Mas, por enquanto, temos de sair daqui. Anda, ajuda-me a levar o Vaucheray para o barco...

Voltaram para a sala de jantar e Gilbert estava debruçado sobre o homem ferido quando Lupin disse:

– Escuta.

Entreolharam-se, inquietos. Alguém estava a falar no escritório. Uma voz muito baixa, estranha, muito distante... No entanto, foram rápidos a verificar que não havia ninguém no escritório além do morto, cuja silhueta escura estava estendida no chão.

E a voz falou outra vez, algumas vezes mais aguda, noutras mais abafada, a gaguejar, a gritar, aterrorizada. Pronunciava palavras indistintas, sílabas soltas.

Lupin sentiu a cabeça coberta de suor. Quem era aquela voz incoerente, misteriosa como uma voz que vinha do além?

Ajoelhou-se ao lado do criado. A voz ficou em silêncio, e depois recomeçou.

– Ilumine melhor aqui – pediu a Gilbert.

Estava a tremer, abalado por um terror que não conseguia dominar, pois não havia dúvida: quando Gilbert tirou a cobertura da lamparina, Lupin percebeu que a voz vinha do cadáver, sem que o corpo sem vida fizesse qualquer movimento, sem sequer um estremecimento da boca ensanguentada.

– Patrão, estou com medo – titubeou Gilbert.

Mais uma vez, a mesma voz, o mesmo murmúrio nasalado.

Lupin desatou a rir-se, agarrou no corpo e puxou-o para o lado.

– Perfeitamente! – disse ele, apercebendo-se de um objeto de metal brilhante. – Exatamente, é isso! Demorei tempo até descobrir!

No chão estava, no mesmo lugar de onde ele puxara o corpo, o recetor de um telefone, cujo fio ia até ao aparelho preso na parede, à altura habitual.

Lupin colocou o recetor junto ao ouvido. O barulho recomeçou, mas era uma mistura de sons, composto por diferentes chamadas, exclamações, gritos confusos, barulho produzido por várias pessoas que se questionavam e falavam ao mesmo tempo.

— Está aí?... Ele não responde. Horrível... Devem tê-lo matado. O que é...? Tenha coragem. O socorro vai a caminho... os agentes... os soldados...

— Raios! — reclamou Lupin, largando o telefone.

Era uma visão terrível, a verdade mostrava-se. Logo no início, enquanto tiravam as coisas do andar de cima, Léonard, que não estava bem amarrado, conseguira pôr-se de pé, pegar no recetor, provavelmente com os dentes, deixou-o cair e pediu ajuda para a central telefónica de Enghien.

E tinham sido essas as palavras que Lupin tinha ouvido depois de o primeiro barco ter partido: «Socorro! Assassino! Vão-me matar!»

E aquela era a resposta da central telefónica. A polícia estava a caminho. Lupin lembrou-se dos sons de que se tinha apercebido no jardim, quatro ou cinco minutos antes.

— A polícia! Salvem-se! — gritou ele, atravessando a sala de jantar.

Gilbert perguntou:

— E o Vaucheray?

— Pior para ele!

Mas Vaucheray, saído do seu torpor, suplicou-lhe enquanto ele passava:

— Patrão, não pode deixar-me aqui assim!

Lupin deteve-se, apesar do perigo, e, com a ajuda de Gilbert, elevava o ferido quando um tumulto se produziu do lado de fora.

— Demasiado tarde! — disse ele.

Nesse momento, pancadas fizeram abanar a porta do vestíbulo que dava para a fachada posterior da casa. Lupin correu para os degraus da frente: homens já tinham dado a volta à casa a correr e precipitavam-se naquela direção. Ele até poderia conseguir correr à frente deles, com Gilbert, e chegar à água. Mas que oportunidade teria para embarcar e fugir sob o fogo inimigo?

Fechou e trancou a porta.

— Estamos cercados... e acabados — balbuciou Gilbert.

— Cala a boca — ordenou Lupin.

— Mas eles viram-nos, patrão. Veja bem, eles estão a bater à porta.

– Cala a boca – repetiu Lupin. – Nem uma palavra. Nem um movimento.

Permaneceu inabalável, com o rosto absolutamente calmo, a atitude pensativa de alguém que tem todo o tempo que necessita para examinar uma situação delicada sob todos os pontos de vista. Ele alcançara um daqueles minutos a que chamava de *momentos superiores da existência*, aqueles em que se dá à vida o verdadeiro valor e preço. Nessas ocorrências, por mais ameaçador que fosse o perigo, começava sempre a contar devagar para si mesmo: «um, dois, três, quatro, cinco, seis...» até que os batimentos do seu coração regressassem ao normal. Só então ele refletia, mas com muita intensidade, com formidável perspicácia, com intuição profunda de todas as possibilidades. Todos os dados do problema estavam no seu espírito. Ele previa tudo, ele admitia tudo. E tomava a sua decisão com toda a lógica e com toda a certeza.

Após trinta ou quarenta segundos, enquanto os homens do lado de fora batiam nas portas e arrombavam as fechaduras, ele disse ao seu companheiro:

– Segue-me.

Lupin reentrou na sala de jantar, abriu a janela devagar e puxou as persianas de uma janela lateral. Pessoas iam e vinham, tornando a fuga impraticável. Então, começou a gritar com toda as suas forças e com uma voz esbaforida:

– Estão ali! Socorro! Apanhei-os! Por aqui!

Apontou o revólver e deu tiros nos ramos das árvores. Depois, voltou-se para Vaucheray, debruçou-se sobre ele e esfregou nas mãos e na cara o sangue do homem ferido. Finalmente, virando-se para Gilbert, pegou-lhe violentamente pelos ombros e atirou-o ao chão.

– O que está a fazer, patrão? Teve uma ideia?

– Deixa-me fazer isto – disse Lupin, colocando uma ênfase imperativa em casa sílaba. – Eu responderei por tudo... Eu responderei por vocês dois... Confiem. Vou tirar-vos da prisão. Mas só posso fazer isso se estiver livre.

Gritos excitados subiram da janela aberta.

– Por aqui! – gritou. – Apanhei-os! Ajudem-me!

E, muito baixinho, tranquilamente:

— Pensa bem... Tens alguma coisa para me dizer? Alguma coisa que nos possa ser útil?

Gilbert debatia-se, furioso, enervado demais para compreender o plano de Lupin. Vaucheray, mais perspicaz, e que por causa do seu ferimento tinha abandonado quaisquer esperanças de poder fugir, disse:

— Deixa-te estar, idiota... Deixa o patrão fazer à maneira dele! Contanto que ele se pire, isso não é o principal?

Bruscamente, Lupin lembrou-se do objeto que Gilbert colocara no bolso depois de o ter tirado de Vaucheray. Tentou pegar-lhe.

— Ah! Nunca! — alarmou-se Gilbert, tentando soltar-se.

Lupin derrubou-o mais uma vez. Mas subitamente dois homens apareceram na janela, e Gilbert cedeu, entregando o objeto a Lupin, que o colocou no bolso sem sequer olhar para ele, murmurando:

— Aqui tem, patrão... eu explicarei... pode ter a certeza de que...

Ele não teve tempo para terminar... Dois agentes, e outros que se lhes seguiram, e soldados que entravam por todas as portas, chegaram para socorrer Lupin.

Gilbert foi imediatamente amarrado. Lupin retirou-se.

— Ainda bem que chegaram — disse ele. — O outro homem deu-me muito trabalho, feri-o. Mas este aqui...

O comissário da polícia perguntou:

— Viu o criado? Eles mataram-no?

— Não sei — replicou ele.

— Não sabe?

— Ora, eu vim com vocês de Enghien, quando se soube do assassinato! Mas, enquanto vocês davam a volta pela esquerda da casa, eu fui pela direita. Havia uma janela aberta. Subi quando estes dois bandidos estavam prestes a saltar. Disparei neste aqui — e apontou para Vaucheray —, e segurei o seu cúmplice.

Como poderiam suspeitar daquilo? Ele estava coberto de sangue. Entregara os assassinos do criado. Dez pessoas tinham testemunhado o desfecho do combate heroico que fora travado.

Ademais, o tumulto era demasiado para que alguém quisesse perder tempo com dúvidas ou a discutir pormenores. Durante a confusão, os vizinhos invadiram a moradia. Todos assustadíssimos. Corriam para todos os lados, subiam, desciam, iam até à cave. Interrogavam-se. Gritavam. Ninguém pensou em verificar as afirmações aparentemente verdadeiras de Lupin.

Entretanto, a descoberta do cadáver no escritório restaurou o senso de responsabilidade do comissário. Deu ordens para que os guardas não deixassem ninguém entrar ou sair da casa. Então, sem mais demoras, examinou o local e começou o inquérito.

Vaucheray deu o seu nome; Gilbert recusou-se a dar o seu, sob pretexto de que só falaria na presença de um advogado. Mas quando foi acusado de assassinato denunciou o Vaucheray, que se defendeu ao ataque, acusando o outro, e os dois começaram a falar ao mesmo tempo, com o desejo evidente de monopolizar a atenção do comissário. Quando este se virou para Lupin para pedir o seu testemunho, percebeu que aquele homem desconhecido já não estava lá.

Sem a menor suspeita, pediu a um dos agentes:

– Vá chamar o cavalheiro e diga-lhe que gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Procuraram o cavalheiro. Alguém o vira na escada, a acender um cigarro. Depois, disseram que ele oferecera cigarros a um grupo de soldados no caminho para o lago, dizendo que podiam chamá-lo se assim sentissem necessidade.

Eles chamaram-no, ninguém respondeu.

Um soldado acorreu. O cavalheiro acabara de entrar num barco e partira, a remar.

O comissário olhou para Gilbert e percebeu que tinha sido enganado.

– Precisamos de o prender! Disparem contra ele! É um cúmplice!

Ele próprio saiu a correr, seguido por dois agentes, enquanto os outros ficaram com os prisioneiros. Ao chegar à margem, a uma centena de metros, viu o cavalheiro, acenando do crepúsculo com o chapéu.

Um dos agentes descarregou o revólver.

O vento trouxe o som das palavras. O cavalheiro estava a cantar enquanto remava:

Vamos, meu rapaz

Onde o vento te leva...

O comissário viu então um barco amarrado ao cais da propriedade vizinha. Conseguindo atravessar a cerca que separava os jardins, e depois de ordenar que os agentes vigiassem as margens do lago e prendessem o fugitivo se ele tentasse desembarcar, reuniu dois dos seus homens e partiram em perseguição de Lupin.

Era uma tarefa bem fácil, já que, à luz intermitente da Lua, podiam discernir-se os movimentos dele, dando conta de que estava a tentar cruzar o lago seguindo para a direita, isto é, na direção de Saint-Gratien. Além disso, o comissário logo constatou que, com a ajuda dos seus homens, e graças à leveza da sua embarcação, estava a ganhar velocidade. Em dez minutos ele diminuíra para metade a distância entre os barcos.

— É isso! — disse ele. — Nem sequer vamos precisar dos soldados para o impedir de desembarcar. Quero muito conhecer este espertinho. Não lhe falta coragem!

O que havia de mais bizarro era que a distância estava a diminuir de forma anormal, como se o fugitivo se tivesse desencorajado ao perceber que era inútil tentar. Os agentes redobraram os esforços.

O barco deslizou pela água com extrema rapidez. Mais uma centena de metros e alcançariam o homem.

— Alto! — gritou o comissário.

O inimigo, do qual eles distinguiam uma silhueta agachada, já não se mexia. Os remos eram levados pela correnteza. E aquela imobilidade era qualquer coisa de inquietante. Um bandido daquele calibre podia muito bem estar deitado à espera dos seus adversários, aguardando para abalroar ou para disparar e matá-los antes que tivessem ocasião de atacá-lo.

— Rende-te! — gritou o comissário.

A noite estava escura. Os três homens deitaram-se no fundo do barco, pois tinham sentido um gesto de ameaça.

O barco, levado pelo próprio ímpeto, aproximava-se do outro.

O comissário disse:

– Não nos deixemos enganar. Vamos disparar. Estão prontos?

E gritou outra vez:

– Rende-te... caso contrário...

Nenhuma resposta.

O inimigo não se moveu.

– Rende-te! Mãos ao ar! Não queres? Então, tanto pior! Vou contar: um... dois...

Os agentes não esperaram a ordem. Dispararam e debruçaram-se sobre seus os remos, dando um impulso tão vigoroso ao barco que chegaram ao destino com poucos remadas.

De revólver na mão, atento a cada movimento, o comissário assistia. Levantou o braço:

– Um gesto, e estouro-te os miolos!

Mas o inimigo não fez qualquer movimento, e o comissário, quando a abordagem teve lugar e os dois homens, largando os remos, se preparavam para o assalto, compreendeu a razão daquela atitude tão passiva: não estava ninguém no barco. O inimigo fugira a nadar, deixando para trás alguns dos objetos roubados que, cobertos por um casaco e um chapéu, podiam ser confundidos na escuridão com a silhueta de uma pessoa.

À luz de fósforos, examinaram as roupas deixadas pelo inimigo. Nenhuma inicial estava gravada no interior do chapéu. O casaco não continha nem papéis nem carteira. Ainda assim, fizeram uma descoberta que tornaria o caso mais célebre e que teria uma terrível influência na sorte de Gilbert e de Vaucheray: num dos bolsos havia um cartão-de-visita esquecido pelo fugitivo, o cartão de Arsène Lupin.

No mesmo instante, enquanto a polícia rebocava o barco capturado e continuava as suas vãs buscas, e, na margem, inativos, os soldados se esforçavam para ver as peripécias do combate naval, Arsène Lupin estava tranquilamente no mesmo local do qual saíra duas horas antes.

Lá, encontrou os seus outros cúmplices, Grognard e Le Ballu, deu-lhes algumas explicações, instalou-se no automóvel, entre as

cadeiras do deputado Daubrecq e outros objetos valiosos, cobriu-se com peles e fez-se conduzir pelas estradas desertas até ao seu armazém em Neuilly, onde dispensou o motorista. Um táxi levou-o de volta a Paris, deixando-o na Igreja de Saint-Philippe-du-Roule.

Ele tinha, não longe dali, na Rua Matignon, sem que ninguém do seu bando o soubesse, exceto Gilbert, um rés-do-chão com entrada privativa.

Foi com satisfação que tirou as roupas e friccionou os músculos. Apesar da sua robustez, estava gelado. Antes de ir para a cama, esvaziou o conteúdo dos bolsos, como sempre, sobre a lareira. Só então viu, perto da carteira e das chaves, o objeto que Gilbert colocara na sua mão no último instante.

Ficou surpreendido. Era uma pequena rolha de cristal, como aquelas usadas nas garrafas de licores. E não havia nada de especial nesta rolha. O máximo que Lupin observou foi que a parte de cima era multifacetada com detalhes dourados. Mas, na verdade, esse detalhe não lhe parecia suficiente para chamar a atenção.

— E foi a este bocado de vidro que Gilbert e Vaucheray deram tanta importância! — disse para si mesmo. — Foi por isto que mataram o criado, lutaram, perderam tempo, arriscaram ir presos... condenados à guilhotina! Caramba, é tudo muito estranho!

Demasiado cansado para continuar a pensar no assunto, por mais apaixonante que pudesse ser, pousou a rolha junto à lareira e deitou-se.

Teve pesadelos. Gilbert e Vaucheray estavam ajoelhados nas lajes das suas celas com as mãos esticadas para ele gritando apavorados:

— Socorro! Socorro! — gritavam eles.

Mas, apesar de todos os seus esforços, ele não conseguia mexer-se. Estava amarrado por cordas invisíveis. E, tremendo, obcecado por uma visão monstruosa, assistia aos preparativos fúnebres, ao corte de cabelo e barba dos condenados, ao drama sinistro.

— Credo! — disse ele quando acordou após uma série de pesadelos. — Que maus presságios! Felizmente, não sou supersticioso ou fraco de espírito. Caso contrário...

E acrescentou:

– Além disso, nós temos um talismã que, a julgar pela conduta de Gilbert e de Vaucheray, com a ajuda de Lupin, deve ser suficiente para acabar com os azares e garantir o triunfo da boa causa. A rolha de cristal.

Levantou-se da cama para pegar no objeto e examiná-lo de forma mais atenta. Deixou escapar uma exclamação. A rolha de cristal desaparecera...

TIRANDO OITO DE NOVE, RESTA UM

Malgrado as minhas boas relações com Lupin e as muitas provas de confiança que ele me deu, há algo que jamais fui capaz de entender totalmente: a organização da sua quadrilha.

A existência da quadrilha é um facto que não permite qualquer dúvida. Algumas aventuras só podem ser explicadas pelos diversos atos de devoção, pelas irresistíveis sinergias e pela cumplicidade que demostram, todas as forças obedecendo a uma vontade única e formidável. Mas como se exerce essa vontade? Por meio de que intermediários, por meio de que subordinados? Ignoro-o. Lupin guarda o seu segredo e os segredos que Lupin escolhe guardar, por assim dizer, são impenetráveis.

A única hipótese que me atrevo a colocar é que o seu bando, muito restrito, na minha opinião, é limitado em número e, portanto, ainda mais admirável, completado pela junção de unidades independentes, afiliados provisórios, escolhidos por todas as classes e por todo o mundo, agentes executores de uma autoridade que muitas vezes nem eles mesmos conhecem. Entre eles e o mestre, entram e saem companheiros, iniciados, fiéis, aqueles que desempenham os papéis principais sob o comando direto de Lupin.

Gilbert e Vaucheray pertenciam, evidentemente, à quadrilha principal. E foi por isso que a lei se mostrou tão implacável para com eles. Pela primeira vez, tinham cúmplices de Lupin nas mãos, cúmplices declarados, indiscutíveis, e que tinham cometido um assassinato. Se o assassinato era premeditado, se a acusação de homicídio pudesse ser estabelecida por provas fortes, isso significaria a guilhotina. Ora, como prova, havia pelo menos uma evidente: o apelo por socorro

que Léonard fizera pelo telefone poucos minutos antes da sua morte: «Socorro! Assassinos! Vão matar-me!» Este apelo desesperado foi escutado por dois homens, o empregado de serviço da operadora e um dos seus colegas, que testemunhou categoricamente o que ouviu. E, na sequência desse apelo, o comissário de polícia, assim que foi informado, seguiu para a vivenda Marie-Thérèse, escoltado pelos seus homens e vários soldados.

Desde os primeiros tempos que Lupin tivera a noção exata do perigo. A luta que ele travava contra a sociedade entrava agora numa nova e terrível fase. A sorte mudava. Desta vez, havia um morto, um ato contra o qual ele mesmo se insurgia – e já não um dos seus roubos divertidos ou qualquer golpe financeiro com os quais sabia conciliar-se com a opinião pública. Desta vez, já não era uma questão de atacar os outros, mas de se defender e salvar a pele de dois dos seus companheiros.

Uma pequena anotação que eu copiei de um dos cadernos nos quais ele costumava registar com frequência um resumo das situações que o perturbavam mostra-nos o seguimento das suas reflexões:

«Antes de mais, uma certeza: Gilbert e Vaucheray enganaram-me. A expedição a Enghien, que aparentemente se destinava a roubar objetos da vivenda Marie-Thérèse, tinha um objetivo secreto. Durante a operação, esse propósito confundiu-lhes a mente e enquanto vasculhavam os móveis e os armários era apenas uma única coisa, e nenhuma outra, que queriam: a rolha de cristal. Portanto, se quero ver claramente na penumbra, preciso primeiro de entender o que isso significa. É certo que, por razões secretas, aquele misterioso pedaço de vidro tem para eles um valor imenso... E não apenas para eles, uma vez que, esta noite, alguém teve a audácia e a habilidade de se introduzir no meu apartamento e roubar o objeto em questão.»

Esse roubo, do qual era vítima, intrigou singularmente Lupin.

Dois problemas, igualmente irresolúveis, se colocavam à sua mente. Primeiro, quem fora o visitante misterioso? Só Gilbert, que tinha toda a sua confiança e que lhe servia de secretário particular, sabia de seu retiro na Rua Matignon. Ora, Gilbert estava na prisão. Deveria Lupin desconfiar que Gilbert o traíra e colocara a polícia

atrás dele? Nesse caso, por que razão teriam ficado satisfeitos de levar a rolha de cristal em vez de prender Lupin?

Mas havia algo ainda mais estranho. Admitindo que tinham conseguido forçar a porta do apartamento — e ele foi obrigado a admiti-lo, embora não houvesse qualquer marca que o demonstrasse —, como teriam conseguido entrar no quarto? Ele rodou a chave e puxou o ferrolho de segurança como fazia todas as noites, um hábito que nunca perdera. Contudo, o facto era inegável: a rolha de cristal desaparecera sem que a fechadura e o ferrolho tivessem sido tocados. E ainda que Lupin se gabasse de ter ouvidos apurados, mesmo quando estava a dormir, nenhum som o havia acordado!

Não precisava de pensar muito. Conhecia muito bem estes enigmas para esperar ser esclarecido de outra forma que não pelo decurso dos eventos. Mas, sentindo-se desconcertado, fortemente inquieto, fechou imediatamente a sua casa na Rua Matignon e jurou que nunca mais ali voltaria a meter os pés.

E, imediatamente, ocupou-se a pensar numa forma de se corresponder com Gilbert e Vaucheray.

Aqui, uma nova deceção o esperava. A justiça, embora não pudesse estabelecer em bases sólidas a cumplicidade de Lupin, decidiu que o caso seria investigado não pelo departamento de Seine-et-Oise, mas em Paris, e anexado à investigação geral aberta contra Lupin. Gilbert e Vaucheray estavam encarcerados na prisão de La Santé. E, tanto lá como no Palácio de Justiça, toda a gente compreendia claramente que era preciso impedir a comunicação entre Lupin e os prisioneiros, pelo que um conjunto de precauções foi determinado pelo chefe de polícia e minuciosamente observado pelos seus subalternos. Dia e noite, agentes treinados, sempre os mesmos, vigiavam Gilbert e Vaucheray e nunca os perdiam de vista.

Lupin, que, à época, ainda não tinha sido promovido, em honra da sua carreira, a chefe dos Serviços de Segurança, e que, consequentemente, não podia entrar no Palácio de Justiça para garantir a execução dos seus, após quinze dias de tentativas infrutíferas foi forçado a curvar-se. Fê-lo com raiva no coração furioso e com uma inquietação crescente.

A parte mais difícil de um caso não é o fim, mas o começo. *Por onde começar nas atuais circunstâncias? Que caminho seguir?*, dizia ele para si mesmo.

Os seus pensamentos voltaram-se para o deputado Daubrecq, o dono da rolha de cristal, e que provavelmente sabia da importância do objeto. Por outro lado, como teria ficado Gilbert ao corrente dos factos e gestos do deputado Daubrecq? Quais teriam sido os meios de vigilância? Quem lhe contara onde Daubrecq passaria a noite daquele dia? Havia todas estas questões interessantes para responder.

Imediatamente após o assalto à vivenda Marie-Thérèse, Daubrecq mudara-se para a sua casa de inverno em Paris, ocupando a sua mansão particular, no lado esquerdo da pequena Praça Lamartine, que ao fundo se abre para a Avenida Victor Hugo.

Lupin, disfarçado de velho e apoiando-se numa bengala, andou algum tempo pelas redondezas, sentando-se nos bancos da praça e da avenida.

No primeiro dia, fez uma descoberta. Dois homens, vestidos como trabalhadores, mas cujos comportamentos não deixavam dúvidas, estavam a vigiar a casa do deputado. Quando Daubrecq saía, eles seguiam-no e chegavam no seu encalce quando este voltava a casa. À noite, assim que as luzes se apagavam, iam-se embora.

Por sua vez, Lupin seguiu-os. Eram agentes dos Serviços de Segurança.

– Ora bem, ora bem! – disse ele para si mesmo. – Isto não é propriamente aquilo de que eu estava à espera. Então Daubrecq também está sob suspeita?

Mas ao quarto dia, ao cair da noite, aos dois homens juntaram-se outras seis individualidades, que ficaram a conversar na parte mais escura da Praça Lamartine. E, entre as novas personagens, Lupin ficou bastante impressionado por reconhecer, pelo porte e pelas maneiras, o famoso Prasville, antigo advogado, antigo desportista, antigo explorador, agora escolhido pelo Palácio do Eliseu e que, por razões misteriosas, tinha sido nomeado comissário-principal da polícia.

De repente, Lupin lembrou-se: dois anos antes, tivera lugar, no Palais-Bourbon, uma luta entre Prasville e o deputado Daubrecq. A causa ignorava-se. No mesmo dia, Prasville apresentou testemunhas. Daubrecq recusou-se a lutar.

Algum tempo depois, Prasville foi nomeado comissário.

— Muito estranho, muito estranho — disse Lupin, que ficara pensativo, observando os movimentos de Prasville.

Às sete horas, o grupo de Prasville afastou-se um pouco na direção da Avenida Henri-Martin. Um pequeno portão que flanqueava o jardim pela direita abriu-se, e Daubrecq apareceu. Os dois agentes seguiram-no de perto e, tal como ele, apanharam o elétrico na Rua Taitbout.

Prasville atravessou imediatamente a praça e tocou à campainha. O portão do jardim ficava entre a casa e a portaria. A porteira apareceu e abriu a porta. Tiveram uma conversa rápida, após a qual Prasville e os seus companheiros puderam entrar.

— Uma visita domiciliária, secreta e ilegal — disse Lupin. — Por boa educação, eu deveria ter sido convidado. A minha presença é indispensável.

Sem a menor hesitação, ele dirigiu-se à casa, cuja porta não tinha sido fechada, e, ao passar pela frente da porteira que vigiava o lado de fora, perguntou num tom apressado, como se alguém o esperasse:

— Os cavalheiros já entraram?

— Já, o senhor pode encontrá-los no gabinete de trabalho.

O seu plano era bem simples: se alguém o visse, apresentar-se-ia como um vendedor. Pretexto inútil. Ele conseguiu, após ter passado pelo vestíbulo vazio, entrar na sala de jantar, na qual também não estava ninguém, mas de onde se apercebeu, por um painel envidraçado, que o separava do escritório, de Prasville e dos seus cinco companheiros.

Prasville, com a ajuda de chaves falsas, forçou todas as gavetas. Depois examinou todos os dossiês, enquanto os seus quatro colegas extraíam volumes da biblioteca, sacudindo as páginas de cada um deles e verificando o interior.

– Decididamente, é de um papel que estão à procura – disse Lupin. – Notas, talvez...

Prasville exclamou:

– Que chatice! Não encontraremos nada!

Mas, sem dúvida, não renunciava a encontrar o que queria, já que de repente pegou em quatro garrafas de licor retiradas do bar, tirou as quatro rolhas e inspecionou-as.

Ora então!, pensou Lupin. *Agora está a atacar as rolhas das garrafas! Mas não é apenas um papel que procura? Bem, já não compreendo nada.*

De seguida, Prasville levantou-se e escrutinou diversos objetos, dizendo:

– Quantas vezes o senhor veio aqui?

– Seis vezes no inverno passado – responderam-lhe.

– Procurou em toda a casa, a fundo? Em cada uma das divisões, durante o dia todo, enquanto ele estava em campanha eleitoral.

– No entanto... no entanto...

E continuou:

– Ele não tem empregados, por agora?

– Não, anda à procura. Faz as refeições no restaurante, e a porteira trata mais ou menos da casa. A mulher é-nos fiel...

Durante quase uma hora e meia, Prasville continuou as suas investigações, desarrumando e mexendo em quase todos os bibelôs, mas com o cuidado de colocar cada um deles exatamente no lugar que ocupava. Às nove horas, os dois detetives que tinham seguido Daubrecq entraram no escritório:

– Ele está a regressar!

– A pé?

– Sim.

– Temos tempo?

– Oh! Sim!

Sem se apressar, Prasville e os agentes da polícia, depois de uma derradeira vista de olhos pela divisão para se assegurarem de que nada iria denunciar a sua visita, retiraram-se.

A situação estava a tornar-se crítica para Lupin. Ele corria o risco, portanto, de se deparar com Daubrecq, se saísse, ou de não conseguir sair. Porém, ao avaliar que as janelas da sala de jantar lhe ofereciam uma saída direta para a praça, resolveu ficar. Ademais, a ocasião para observar Daubrecq de perto era demasiado boa para não ser aproveitada, e, como Daubrecq vinha de jantar, não era provável que entrasse por aquela sala.

Ele esperou, portanto, preparando-se para se esconder por detrás de um cortinado de veludo que podia ser puxado pela parede de vidro, se fosse necessário.

Ouviu o barulho de portas. Alguém entrou no escritório e acendeu a luz elétrica. Reconheceu Daubrecq.

Era um homem corpulento, atarracado, de pescoço curto, barba grisalha, quase careca, e usava sempre — porque tinha olhos cansados — um binóculo com lentes pretas por cima dos óculos.

Lupin reparou na definição da sua cara, o queixo quadrado, as salientes maçãs do rosto. Os punhos eram peludos e enormes, as pernas curvadas, e caminhava com as costas arqueadas, alternando o peso entre os quadris, o que o fazia parecer caminhar como um macaco. A testa era enorme, cavada por rugas, eriçada por saliências, destacando-se da cara. O conjunto dava-lhe uma aparência bestial, repugnante, selvagem.

Lupin lembrou-se de que, na Câmara dos Deputados, a alcunha de Daubrecq era *Homem da Floresta*, e essa alcunha não era apenas porque ele estava sempre distante e nunca se misturava com os outros colegas, mas também por causa do seu aspeto, das suas maneiras, da sua forte musculatura.

Sentou-se à secretária, tirou do bolso um cachimbo e, de entre vários pacotes de tabaco que secavam num vaso, escolheu um de tipo caporal, retirou o selo da embalagem, encheu o cachimbo e acendeu-o. Começou, então, a escrever cartas.

Passado um momento, suspendeu o trabalho e ficou a pensar, atento num ponto da secretária.

Pegou numa pequena caixa de selos e examinou-a. De seguida, verificou a posição dos diferentes objetos nos quais Prasville tocara

e que recolocara no lugar, pegou-lhes com as mãos, debruçou-se sobre eles, como se fossem sinais, apenas por ele conhecidos, capazes de lhe dizer o que ele queria saber.

Por fim, pegou na maçaneta de uma campainha elétrica e tocou.

Um minuto depois, a porteira apareceu.

Ele disse-lhe:

– Eles vieram, não vieram?

Como a mulher hesitava, ele insistiu:

– Vamos lá, Clémence, foi você que abriu esta pequena caixa de selos?

– Não, senhor.

– Pois bem, eu tinha fechado a tampa com uma fita de papel adesivo. Essa fita foi rasgada.

– Mas posso garantir-lhe que... – começou a mulher.

– Para quê mentir, uma vez que eu mesmo a instruí a receber essas visitas? – perguntou ele.

– Mas é que...

– A senhora quer ficar bem com os dois lados. Seja...

Ele entregou-lhe uma nota de cinquenta francos e repetiu:

– Eles vieram?

– Sim, senhor.

– Os mesmos que vieram na primavera?

– Sim, todos os cinco... e mais um outro, que lhes dava as ordens.

– Um alto? Moreno?

– Sim.

Lupin viu a mandíbula de Daubrecq contrair-se. Continuou:

– É tudo?

– E chegou um outro pouco depois, que se juntou a eles... e depois mais dois, aqueles que estão sempre de guarda do lado de fora da casa.

– Ficaram no escritório?

– Sim, senhor.

– E foram-se embora quando eu regressei? Poucos minutos antes, talvez?

– Sim, senhor.

— É tudo.

A mulher saiu do escritório. Daubrecq voltou à sua correspondência. Então, esticando o braço, escreveu alguns símbolos num caderno de papel branco que se encontrava na ponta da secretária, e que depois levantou, como se não quisesse perdê-lo de vista. Os símbolos eram números e Lupin conseguiu ler a seguinte fórmula de subtração:

9-8 = 1

E Daubrecq, entre os dentes, articulou as sílabas com um ar pensativo:

— Não há qualquer dúvida sobre isso — disse ele em voz alta. Escreveu mais uma carta, muito curta, e endereçou o envelope com uma inscrição que Lupin decifrou quando a carta foi pousada ao lado do caderno:

«Senhor Prasville, comissário do Departamento de Polícia.»

Depois, tocou outra vez a campainha:

— Clémence, a senhora foi à escola quando era jovem? — perguntou ele à porteira.

— Claro, sim, senhor.

— E aprendeu a calcular?

— Mas, senhor...

— A senhora não é muito boa em subtrações.

— Por que diz isso?

— Porque a senhora ignora que nove menos oito é igual a um, e isso, repare, é de uma importância capital. A existência torna-se impossível se se ignora essa verdade essencial.

Ao falar, ele levantou-se e andou pela divisão, com as mãos atrás das costas, balançando as ancas. Fez isso mais uma vez. Então, detendo-se na sala de jantar, abriu a porta.

— O problema, por outro lado, pode enunciar-se de outra forma — disse ele. — Tirando oito de nove, resta um. E o que resta está aqui, não? A operação está certa, não é verdade? E o senhor fornece-nos uma prova brilhante.

Bateu no cortinado de veludo na qual Lupin se enrolara apressadamente.

– Na verdade, o senhor deve estar a sufocar debaixo disso! Sem contar que eu poderia ter-me divertido ao enfiar uma adaga na cortina... Lembre-se do delírio de Hamlet e da morte de Polónio... «É um rato, digo-lhe, um grande rato...» Vamos, senhor Polónio, saia do seu buraco.

Era uma daquelas situações às quais Lupin não estava habituado, e que execrava. Prender os outros numa armadilha e rir-se deles, ele admitia, mas era bem diferente quando alguém se ria à sua custa. Porém, como poderia ele ripostar?

– Um pouco pálido, senhor Polónio... Ora, então, é o respeitável homem que tem andado por aí a pé pela praça já há alguns dias! Também é da polícia, senhor Polónio? Vamos lá, acalme-se, não lhe vou fazer qualquer mal... Mas veja, Clémence, a precisão do meu cálculo. Entraram aqui em casa, segundo a senhora me disse, nove espiões. Da minha parte, quando estava a chegar, contei, ao longe, da avenida, oito. Oito retirados de nove, resta um, o qual evidentemente ficou aqui em observação. *Ecce Homo!*

– E depois? – disse Lupin, com uma vontade louca de voar para cima do homem e de o reduzir ao silêncio.

– Então? Nada de nada, meu bravo... O que pretende mais? A brincadeira acabou. Só lhe pediria que levasse ao senhor Prasville, seu patrão, esta pequena missiva que acabei de escrever. Clémence, queira mostrar o caminho de saída ao senhor Polónio. E, se ele voltar a apresentar-se aqui, abra-lha as portas. Sinta-se aqui como em sua casa, senhor Polónio. Um seu criado...

Lupin hesitou. Teria gostado de se despedir em grande, de largar uma frase dramática, como um ator que sai do palco no final de uma cena. Mas esta saída era tão dolorosa que não encontrou melhor do que enfiar o chapéu na cabeça e seguir a porteira até a porta. A vingança era magra.

– Sacana! – gritou ele uma vez lá fora e virando-se contra as janelas de Daubrecq. – Miserável! Canalha! Há de pagar tudo isto! Ah!

O Senhor mo permita... Ah! Pois bem, juro por Deus, senhor, que um destes dias...

A espumar de raiva, ainda mais porque, no fundo de si mesmo, ele reconhecia a força deste novo inimigo, e não podia negar a forma brilhante como ele tratara desde caso.

O calculismo de Daubrecq, a confiança com a qual iludira os agentes da polícia, o menosprezo com o qual aceitara as visitas no seu apartamento, e, acima de tudo, o seu admirável sangue-frio, a desenvoltura e a impertinência da sua conduta perante a nova personagem que o espiava, tudo isso denotava um homem de caráter, forte, equilibrado, lúcido, audacioso, seguro de si e das cartas que tinha nas mãos.

Mas quais eram estas cartas? Que jogo jogava ele? O que estava ele a arriscar? E como escolhiam os jogadores o lado de que estavam? Lupin ignorava. Sem nada saber, baixou a cabeça e mergulhou no meio da batalha, entre adversários violentamente envolvidos, ainda que deles não soubesse nem a posição, nem as armas, nem os recursos, nem os planos secretos. Porque, afinal, ele não podia admitir que o objetivo de tantos esforços fosse a posse de uma rolha de cristal!

Só uma coisa o deixou satisfeito: Daubrecq não o desmascarara. Daubrecq acreditou que ele era um subserviente da polícia. Daubrecq e, por consequência, a polícia não supunham a intrusão no assunto de um terceiro ladrão. Era esse o seu único trunfo, um trunfo que lhe daria liberdade de ação e ao qual atribuía uma importância extrema.

Sem mais tardar, abriu a carta que Daubrecq lhe entregara para levar ao comissário da polícia. Continha apenas estas linhas:

> «Ao alcance da tua mão, meu caro Prasville! Tocaste-lhe! Um pouco mais e terias conseguido... mas tu és muito idiota! E pensar que não encontraram ninguém melhor do que tu para me fazer comer o pó. Pobre França! Até à vista, Prasville. Mas, se te apanhar em flagrante, tanto pior para ti, eu disparo. Assinado: Daubrecq.»

– Ao alcance da mão – repetiu Lupin, após ler. – Este brincalhão pode ter escrito a verdade! Os esconderijos mais elementares são os mais seguros. Ainda assim, de qualquer forma, tenho de investigar isto... E também terei de descobrir por que razão este Daubrecq se mantém sob estreita vigilância, e de me documentar melhor sobre o indivíduo.

As informações que Lupin obtivera, através de um agente especial de investigação privada, resumiam-se assim:

«Alexis Daubrecq, deputado por Bouches-du-Rhone há dois anos, está entre os independentes; opiniões políticas mal definidas, mas situação eleitoral muito sólida, graças às enormes somas que despendeu para a candidatura. Nenhuma fortuna pessoal. Entretanto, tem uma mansão em Paris, moradias em Enghien e Nice, perdas avultadas ao jogo, sem que se saiba de onde vem o dinheiro. Muito influente, obtém o que quer, embora não frequente os ministérios e não pareça ter amizades ou relações nos meios políticos.»

– Isso é uma ficha comercial – disse Lupin ao ler esta nota. – O que me faz falta é uma ficha íntima, uma ficha policial, que me informe sobre a vida privada do senhor e que me permita manobrar mais livremente na penumbra e saber se não me estou a meter em confusões ao ocupar-me de Daubrecq. Raios! O tempo está a passar!

Uma das residências que Lupin ocupava naquela época, e à qual regressava com mais frequência, ficava situada na Rua Chateaubriand, perto do Arco do Triunfo. Por ali ele era conhecido como Michel Beaumont. Estava confortavelmente instalado e tinha um empregado, Achille, que lhe era muito devoto e cuja principal tarefa consistia em centralizar as comunicações telefónicas dirigidas a Lupin pelos seus afiliados.

Regressado a casa, Lupin ficou a saber com grande espanto que uma mulher esperava por ele há pelo menos uma hora.

– Como? Nunca ninguém vem visitar-me aqui! Ela é jovem?

– Não... não creio.

– Não crê?

— Ela está a usar um xaile na cabeça, no lugar do chapéu, e não se lhe consegue ver o rosto... Parece antes de mais uma empregada de escritório ou de uma loja pouco elegante.

— Quem procurou ela?

— O senhor Michel Beaumont — respondeu o criado.

— Bizarro. E por que motivo?

— Ela disse-me simplesmente que o assunto era referente ao caso de Enghien! Então, pensei que...

— Hã? O caso de Enghien! Então sabe que eu estou envolvido nesse caso! Então sabe que ao vir aqui...

— Não consegui obter nada mais dela, mas pareceu-me ao mesmo tempo que era necessário recebê-la.

— Fizeste bem. Onde ela está?

— Na sala de estar. Acendi as luzes.

Lupin atravessou rapidamente o vestíbulo e abriu a porta da sala.

— Que estás para aí a dizer? — perguntou ele ao seu empregado. — Não está aqui ninguém.

— Ninguém?! — estranhou Achille, correndo até à sala. Com efeito, a sala estava vazia.

— Oh! Não faz sentido — gritou o criado. — Nem há vinte minutos que aqui vim para ver, por precaução. Ela estava aqui. E não estava a sonhar!

— Vejamos, vejamos — disse Lupin, irritado. — Onde estavas tu enquanto a mulher esperava?

— No vestíbulo, patrão! Não saí do vestíbulo nem por um segundo! Eu tê-la-ia visto sair, que raio!

— E no entanto ela já não está aqui...

— Evidentemente... evidentemente... — gemeu o criado, baralhado. — Ela deve ter perdido a paciência para esperar e foi-se embora. Mas eu gostaria de saber por onde, que raio!

— Por onde? — disse Lupin. — Não é necessário ser um feiticeiro para o saber.

— Como?

— Pela janela. Olha, ainda está entreaberta... estamos no rés-do-chão... a rua está quase sempre deserta, à noite... Não há dúvidas.

Ele já olhara à sua volta e assegurara-se de que nada fora roubado e de que nada estava fora do lugar. Além disso, aquela divisão não tinha qualquer bibelô precioso, qualquer papel importante que pudesse explicar a visita e depois o súbito desaparecimento da mulher. E, ainda assim, porquê aquela fuga inexplicável?

– Ninguém telefonou hoje? – perguntou ele.

– Não.

– Alguma carta esta noite?

– Sim, uma, com o último carteiro.

– Onde está?

– Coloquei-a, como habitualmente, sobre a lareira.

O quarto de Lupin era contíguo à sala de estar, mas ele costumava trancar a porta que fazia a comunicação entre as duas divisões. Era preciso voltar a passar pelo vestíbulo.

Lupin acendeu a luz elétrica e, no instante seguinte, declarou:

– Não estou a ver...

– Sim... pousei-a perto de um jarro.

– Aqui não há nada.

– O senhor deve estar a procurar mal.

Mas Achille deslocou o jarro, levantou o relógio de pêndulo, baixou-se... a carta não estava lá.

– Ah! Não acredito... não acredito – murmurou ele. – Foi ela... foi ela que a levou... e justamente depois de ter agarrado a carta, foi-se embora! Ah! Desgraçada!

Lupin objetou:

– Tu estás doido! Não há comunicação entre as duas divisões.

– Então o que aconteceu, patrão?

Calaram-se os dois. Lupin esforçou-se para controlar a cólera e reorganizar as ideias. Perguntou:

– Examinaste a carta?

– Sim.

– Tinha alguma coisa de particular?

– Nada. Um envelope comum, com o endereço escrito a lápis.

– Ah! A lápis?

– Sim, como se tivesse sido escrito à pressa, rabiscado.

— Como estava escrito o endereço, lembras-te? — perguntou Lupin, com uma certa angústia.

— Lembro-me, porque me pareceu curioso...

— Diz! Diz de uma vez!

— «Senhor de Beaumont Michel.»

Lupin sacudiu o empregado pelos ombros:

— Dizia «de» Beaumont? Tens a certeza? E «Michel» depois de «Beaumont»?

— Absolutamente certo.

— Ah! — murmurou Lupin, com a voz arrastada. — Era uma carta de Gilbert!

Ele ficou imóvel, um pouco pálido, com a cara contraída. Não tinha qualquer dúvida: era uma carta de Gilbert! Era a fórmula que, por ordens de Lupin, já há muitos anos, Gilbert usava sempre para se corresponder com ele. Enfim, Gilbert encontrara, do fundo do seu aprisionamento — e sabe-se lá com que custos, a que preço! —, condições para enviar uma carta escrita à pressa. E agora fora intercetada! O que continha? Que instruções lhe dava o infeliz prisioneiro? Que socorro implorava ele? Qual estratagema lhe propunha?

Lupin examinou o quarto, o qual, contrariamente à sala, continha papéis importantes. Mas nenhuma das fechaduras estava arrombada, pelo que era correto admitir que a mulher não tivera qualquer outro objetivo além de levar a carta de Gilbert. Obrigando-se a manter a calma, ele perguntou:

— A carta chegou enquanto a mulher estava cá?

— Ao mesmo tempo. O carteiro tocou à campainha no mesmo instante.

— Ela pôde ver o envelope?

— Sim.

A conclusão tirava-se a ela própria, era evidente. Restava saber como a visitante conseguira efetuar o roubo. Deslizando, pelo exterior, de uma janela para outra? Impossível: Lupin deixou a janela do quarto fechada. Abrindo a porta entre as divisões? Impossível: Lupin deixou-a fechada e trancada com os dois ferrolhos exteriores.

Uma pessoa não atravessa uma parede apenas pela vontade. Para entrar em qualquer lado, e para sair, é preciso haver uma passagem e, como o ato foi cumprido no espaço de alguns minutos, era necessário, naquela ocorrência, que a passagem fosse anterior, que já existisse na parede e que já fosse do conhecimento da mulher. Esta hipótese simplificou as buscas, fazendo-o concentrar-se na porta, pois a parede, nua, sem armário ou cortinas de qualquer tipo, seria incapaz de esconder uma passagem.

Lupin regressou à sala e preparou-se para estudar a porta. Mas imediatamente se sobressaltou. Mal olhou, constatou que, à esquerda, em baixo, um dos seis pequenos painéis colocados entre as barras transversais não estava na posição normal e que a luz incidia diretamente sobre ele. Ao inclinar-se para a frente, viu duas pontas de ferro, uma de cada lado, sustentando o painel no lugar, como uma placa de madeira atrás de uma moldura. Só precisou de tocar naquilo. O painel soltou-se.

Achille soltou um grito de estupefação. Mas Lupin objetou:

– E então? Avançámos assim tanto? Temos um retângulo vazio, com uns dezoito centímetros de largura e quarenta de altura. Não vais dizer-me que uma mulher consiga passar por este orifício pelo qual não passaria uma criança de seis anos, por muito magra que fosse!

– Não, mas ela poderia ter colocado o braço e soltado os ferrolhos.

– O ferrolho de baixo, sim – disse Lupin. – Mas o de cima, não. A distância é muito grande. Tenta e verás.

Achille tentou, com efeito, e logo renunciou.

– E agora? – disse ele.

Lupin não respondeu. Ficou algum tempo a refletir. Depois, subitamente, ordenou-lhe:

– Dá-me o meu chapéu... e o meu casaco...

Saiu, apressado por uma ideia imperiosa. Lá fora, enfiou-se num táxi:

– Rua Matignon, depressa!

Assim que chegaram à entrada da casa de onde lhe roubaram a rolha de cristal, saiu do carro, abriu a sua entrada particular, subiu

as escadas, correu para a sala, acendeu a luz e abaixou-se à frente da porta que comunicava com o seu quarto.

Ele tinha adivinhado. Um dos pequenos painéis estava igualmente destacado.

E da mesma forma que no seu outro apartamento na Rua Chateaubriand, o orifício, suficiente para que alguém passasse o braço e o ombro, não permitia ainda assim que se conseguisse abrir o ferrolho superior.

— Que raiva! — gritou Lupin, incapaz de segurar mais a ira que nele fervia havia duas horas. — Que grande gaita! Será que vou conseguir resolver este problema?

De facto, parecia que um azar incrível o perseguia, obrigando-o a tatear à sorte, fazendo com lhe fosse impossível usar os elementos de sucesso que a sua própria persistência ou a força das coisas colocavam ao seu alcance. Gilbert confiara-lhe a rolha de cristal. Gilbert enviara-lhe uma carta. E ambas desapareceram imediatamente.

E já não era, conforme ele tinha acreditado até agora, uma série de circunstâncias fortuitas, independentes umas das outras. Não. Era manifestamente o efeito de uma vontade adversa com um objetivo definido, com uma habilidade prodigiosa e uma inconcebível ousadia, atacando-o, a ele, Lupin, na intimidade dos seus mais seguros esconderijos e desconcertando-o com golpes tão rudes e imprevistos que ele já não sabia bem de quem precisava de se defender. Nunca, no decurso das suas aventuras, encontrara obstáculos assim.

E, bem lá no fundo, crescia aos poucos um medo assustador do futuro. Uma data crescia diante dos seus olhos, a terrível data que ele inconscientemente designara à justiça para fazer o seu trabalho de vingança, a data em que, numa manhã de abril, subiriam à guilhotina dois homens que haviam caminhado a seu lado, camaradas que não conseguira salvar.